

VISUAIS

Exposição festeja 40 anos da arte concreta

Casa das Rosas inaugura hoje mostra retrospectiva com poetas e pintores que mudaram o panorama da arte brasileira em 1956, convidando jovens artistas para transcriber obras produzidas na época

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Em 1956 Juscelino pensava em Brasília, Guimarães Rosa lançava *Grande Sertão: Veredas* e Elvis Presley cantava *Heartbreak Hotel*. Para combater fiéis seguidores da tradição discursiva e diluidores do cubismo surgiram três jovens: Haroldo de Campos, seu irmão Augusto e o amigo Décio Pignatari. Com esses poetas estavam pintores inconformistas, dispostos a provar que grandes nomes da pintura "moderna" brasileira não passavam de acadêmicos arrependidos. O movimento concreto, criado por eles, faz, portanto, 40 anos e a Casa das Rosas inaugura hoje a *Desexp (1) os (isgn) ição*, uma exposição que reúne o trabalho poético e pictórico da época, também revisito numa transcrição de artistas da nova geração.

A poesia de Haroldo de Campos, por exemplo, foi transcrita pela pintura de Marco Giannotti no andar térreo da Casa das Rosas, enquanto a de seu irmão Augusto recebeu tratamento sonoro do filho Cid Campos e visual de ZeNetto. Décio Pignatari pode ser visto na tela dos computadores instalados numa sala especial dedicada ao visionário poeta. O primeiro andar será ocupado por obras dos artistas que participaram da Exposição Nacional de Arte Concreta, aberta no dia 4 de dezembro 1956, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Foram 20 artistas os participantes da histórica exposição, entre eles Amílcar de Castro, Aluísio Carvão, Geraldo de Barros, Fiaminghi, Sacilotto, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Volpi. A pesquisadora Claudia Vendramini conseguiu que colecionadores particulares como Adolpho e Felícia Leirner, Ricardo Akagawa, Peter Cohn e Rubem Breitman emprestas-

sem valiosas obras para a mostra. Todos os artistas estão representados por, no mínimo, um trabalho da época. Há uma sala dedicada a Waldemar Cordeiro, o teórico das ousadias visuais concretas dos paulistas, organizada por sua filha, e uma parte histórica sobre o movimento concreto na Internet, incluindo o manifesto *Ruptura e Neoconcreto*, além de web pages em que os artistas Lucas Bambozzi, Rui Amaral, Sérgio Bicudo e Yugo de Souza Tanaka trabalham sobre a obra dos concretos (o endereço é http://www.dialdata.com.br/casa_das_rosas).

Na noite de abertura, hoje, às 20 horas, o poeta, cantor e compositor Arnaldo Antunes apresenta uma performance. Um parangolé gigantesco em homenagem a Oiticica, feito por crianças carentes, vai lembrar um dos vetores da arte contemporânea brasileira. O edifício Parque Cultural Paulista, projetado pelo arquiteto Júlio Neves e localizado atrás da Casa das Rosas, vai virar uma tela concreta com a intervenção de vários artistas. Eles desenvolveram projetos que usam as luzes do prédio, transformadas em pontos luminosos graças a um artifício cenográfico (as janelas são cobertas por cortinas de feltro).

Concreto — Depois que Kandinski, nos anos 20, propôs substituir a designação "arte abstrata" por "arte concreta", o artista Theo Van Doesburg cunhou esse termo, em 1930, para designar um certo tipo de arte não associada à representação da natureza. Haveria, sim, uma pintura abstrata, mas não "abstraída" da natureza. Para o escultor suíço Max Bill, que participou da primeira Bienal de São Paulo, em 1951, arte concreta significava a "concreção de uma idéia". Para Bill, concreto é o

que existe na realidade, o que não é apenas conceito. Uma realidade, evoque-se, que possa ser controlada e observada. Foi no meio dessa discussão que se criou o embrião do primeiro grupo de concretos no Brasil, em 1952, o Noigrandes, formado por Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos.

Seis anos depois, eles lançavam o "plano piloto da poesia concreta" na revista que levava o nome do grupo, *Noigrandes*. No lugar da tradicional sintaxe lógico-discursiva, os poetas concretos sugeriam uma sintaxe analógica, relacional e ideográfica. As propostas literárias e visuais dos concretos pareciam demasiado racionalistas para alguns críticos e, em 1959, o poeta maranhense radicado no Rio, Ferreira Gullar, lançou o Manifesto Neoconcreto, rompendo com os paulistas.

Pela parte visual, o pintor Waldemar Cordeiro, de formação marxista, respondia com um discurso teórico que pregava a rigidez formal. Cordeiro recusava o paródico, o subjetivo, em favor de uma arte socialmente fundamentada como a dos construtivistas russos (Malevitch e Lissitski). Não se pode esquecer que os concretos também influenciaram toda uma geração de músicos eruditos (de Willy Corrêa a Gilberto Mendes, passando por Koellreuter), além da contribuição dada ao tropicalismo no final dos anos 60 (por exemplo, expressões como *analfomegabatismo*, *somatopsicopneumático*, de Gilberto Gil, na música *Alfaomega*).

Para o pintor José Roberto Aguiar, diretor da Casa das Rosas, a ressonância do movimento concreto não se limita, contudo, a essa influência sobre movimentos posteriores como o tropicalista. "Graças aos concretos temos a edição completa de Oswald de Andrade, por exemplo, o que não é pouco num país que vive de assassinatos culturais e de cortar os pés de seus gigantes", diz.

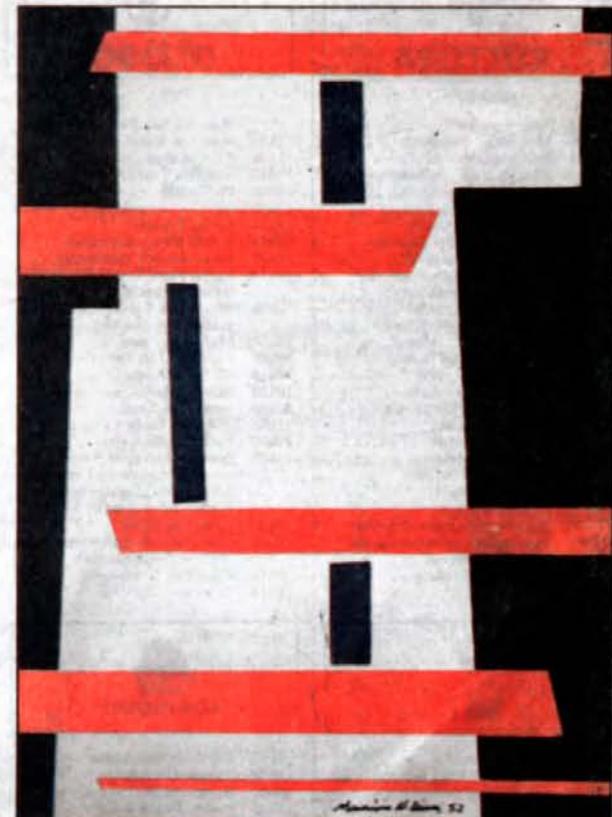
A exposição dos 40 anos da arte concreta fica até 2 de fevereiro na Casa das Rosas (Avenida Paulista, 37, ☎ 288-9447), de terça-feira a domingo, das 12 às 20 horas. A mostra estará fechada para visitação nos dias 24, 25 e 31 de dezembro e no dia 1º de janeiro.



'Círculos com Movimento Alternado' (1956), de Fiaminghi: da primeira exposição concreta



Aguiar: 'Oswald foi redescoberto pelos concretos'



'Composição nº 1', de Maurício Nogueira Lima